



SABERES GEOGRÁFICOS E GEOGRAFIA INSTITUCIONAL: RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS NO SÉCULO XX

Diogo Gaspar Silva

Universidade de Lisboa

Resumo

Resenha de livro produzido no âmbito do convênio FCT/CAPES denominado «Saberes geográficos e Geografia institucional: influência e relações recíprocas entre Portugal e o Brasil no século XX» e que agregou acadêmicos do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense.

Palavras-chave: resenha; geografia institucional; epistemologia em geografia; Portugal; Brasil.

Abstract

Critical review of the book produced under the FCT/CAPES agreement «Geographical knowledge and institutional geography: influence and reciprocal relations between Portugal and Brazil in the 20th century» that brought together academics from the Center for Geographical Studies of the University of Lisbon, State University of Rio de Janeiro and Fluminense Federal University.

Key words: book review; institutional geography; geographical epistemology; Portugal; Brazil.

Em *Saberes geográficos e Geografia institucional: relações luso-brasileiras no século XX*, Francisco Roque de Oliveira e Daniel Paiva (2019), investigadores do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (CEG-ULisboa) que têm trabalhado a evolução epistemológica e a institucionalização da ciência geográfica, reuniram um conjunto de autores filiados em instituições universitárias portuguesas e brasileiras que convoca à reflexão sobre as relações científicas e institucionais entre Portugal e Brasil enquadradas por diferentes abordagens geográficas praticadas durante esse longo período. Esta coleção de ensaios – que resulta do I Colóquio Luso-Brasileiro da Teoria e História da Geografia, realizado no CEG-ULisboa em novembro de 2017 – insere-se no âmbito de um projeto financiado pelo convênio FCT/CAPES (Fundação para Ciência e a Tecnologia; Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) denominado «Saberes geográficos e Geografia institucional: influência e relações recíprocas entre Portugal e o Brasil no século XX», o qual decorreu entre 2016 e 2019 e agregou acadêmicos do CEG-ULisboa e dos Programas de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Este livro pretende contribuir para colmatar o ainda incipiente diálogo e conhecimento recíproco que se constata entre os diferentes saberes e escolas geográficas no espaço luso-brasileiro. Concorrendo, de forma decisiva, para inverter um «relacionamento [que] ficou muito

aquém do que as condições de partida fariam perspectivar» (p. 8), os organizadores e os contributos integrados neste volume proporcionam, na sua generalidade, um diálogo relacional entre as práticas, os conceitos e a transmissão de conhecimentos geográficos, bem como uma reflexão sobre o objeto de estudo da ciência geográfica. Por outro lado, contribuem também – ainda que, em alguns casos, de forma exploratória – para o conhecimento das influências recíprocas entre os saberes geográficos portugueses e brasileiros que permaneceram, até aqui, relativamente ignorados.

Estas idiossincrasias relevam o contributo que esta obra fornece para minimizar as lacunas no conhecimento da evolução do diálogo luso-brasileiro na segunda metade do século XX. O livro reúne uma forte heterogeneidade de abordagens, desde ensaios teórico-conceptuais a leituras mais empíricas e, também, com diferentes níveis de profundidade teórico-metodológica. Acredito, por isso, que *Saberes geográficos e Geografia institucional* constitui a primeira referência para a leitura integrada da história das relações geográficas e institucionais no espaço luso-brasileiro no século XX, seja através da mobilidade internacional de conhecimentos e de autores luso-brasileiros, seja através do contributo veiculado pelas diferentes instituições geográficas ou, ainda, pela difusão de obras e de publicações periódicas que promoveram o intercâmbio de ideias entre o Brasil e Portugal.

Saberes geográficos e Geografia institucional organiza-se em três partes. A primeira, intitulada «A prática da Geografia», reconstitui – através da transcrição de dois discursos de marcado cunho biográfico e, ainda, por via do uso complementar de fotografias atuais e de arquivo e de notas de enquadramento particularmente importantes para o leitor – uma sessão especial do I Colóquio Luso-Brasileiro da Teoria e História da Geografia, protagonizada por duas personalidades icónicas das geografias franco-portuguesa, Suzanne Daveau (FERREIRA, 1997; DAVEAU, 2019), e brasileira, Pedro Pinchas Geiger (MACHADO; PINTO; ALVES, 2014). Esta secção contribui para refletir sobre a *praxis* geográfica e, sobretudo, detalha como os percursos destas duas personalidades, e de outras a elas associadas em redes nacionais e internacionais, ajudam a compreender a evolução das Geografias portuguesa e brasileira e a intensidade e qualidade do diálogo estabelecido entre elas. Apesar de Daveau se ter centrado na génese das relações geográficas luso-brasileiras – eminentemente associadas ao início dos estudos de Geografia «tropical», centrados na designada «Escola Geográfica de Lisboa» e espoletados a convite de geógrafos franceses (AMARAL, 1973) –, Geiger avançou no diagnóstico dessas relações, refletindo sobre a consolidação institucional da Geografia brasileira e discutindo ainda a necessidade de reformular as práticas da Geografia, apelando ao regresso às suas origens filosóficas e exigindo a necessidade de reconceptualizar, a partir do contributo desencadeado por filósofos franceses (DELEUZE; GUATTARI, 2010), o tempo e o espaço, a fim de revalorizar o conceito de «meio» na abordagem geográfica. Esta secção, embora curta, testemunha que, por um lado, quer Daveau, quer Geiger reconhecem o contributo central que França desempenhou na consolidação das relações luso-brasileiras, seja no próprio surgimento dessas relações, seja pela afirmação do pensamento filosófico e histórico que deve estar embutido na prática e formação geográficas. Por outro lado, o conceito de «meio geográfico» está presente em ambos os discursos. Finalmente, ambos denotam uma certa «recuperação» da Geografia nos últimos anos, opondo-se às perspetivas fatalistas de Bernard Badie sobre *O Fim dos Territórios* (BADIE, 1996) ou a anterior «Demise of Geography», sugerida por Alvin Toffler (TOFFLER, 1970). Estes

testemunhos convocam para o necessário debate público e científico em torno da valorização social e científica da disciplina.

A segunda secção do livro, intitulada «Relações recíprocas», abrange mais de metade desta publicação e discute, especificamente, as relações geográficas e institucionais luso-brasileiras, sendo, por isso, o principal apartado da obra. Considerando diferentes modalidades de relações, os nove ensaios aqui reunidos – apesar de não se encontrarem coerentemente organizados em função de modalidades de relação sequencialmente diferenciadas – contribuem, em geral, para compreender os intercâmbios geográficos desenvolvidos no espaço luso-brasileiro, desencadeados pelo contributo das instituições, pela ação dos itinerários intelectuais e académicos e pela difusão de obras e de autores.

As relações institucionais são discutidas por Cristina Pessanha Mary e Luciene Carris Cardoso, que analisam o surgimento e o funcionamento de duas instituições – a Secção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil e a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro – e/ou o modo como as suas missões se sintonizavam com as políticas coloniais e de modernização dos estados português e brasileiro e o seu alinhamento com os respetivos processos de construção nacional (HEFFERMAN, 2009).

Por outro lado, o contributo de Aquilino Machado analisa o modo como a viagem e o itinerário cultural que o escritor Aquilino Ribeiro realizou ao Brasil, entre março e julho de 1952, se projetou em algumas das «paisagens literárias» da sua vasta produção romanesca, recuperando uma linha temática que tem vindo a ser pouco explorada na Geografia portuguesa, que relaciona, precisamente, Geografia e a Literatura.

Finalmente, os ensaios que sublinham a importância da difusão de obras e de autores específicos são mais numerosos e contribuem, através de diferentes abordagens e níveis de profundidade, para descrever e explicar a evolução das relações geográficas luso-brasileiras durante o século XX e, em particular, na sua segunda metade. Neste domínio de relações, merecem nota de destaque três contributos. Em primeiro lugar, Daniel Paiva, Jonathan Ribeiro Lopes e Francisco Roque de Oliveira, através de uma abordagem sistemática única, analisam o ritmo de produção, as subáreas disciplinares e as principais redes de colaboração da produção científica sobre temáticas associadas ao Brasil ou desenvolvidas por autores brasileiros publicadas em revistas académicas portuguesas. Além de identificar as diferentes fases no ritmo dessa produção em revistas portuguesas, o qual parece ter registado maior magnitude entre 1950 e 1973, este ensaio convoca à reflexão sobre os fatores que justificam essas dissonâncias, nomeadamente a tardia institucionalização da Geografia em Portugal e no Brasil, a importância do contexto político (que não só ajuda a compreender tais irregularidades, como as alterações verificadas nos diferentes domínios temáticos tratados ao longo do tempo) e, ainda, a relevância das instituições universitárias na criação de redes de colaboração.

Em «A metáfora orgânica na geografia urbana de Aroldo de Azevedo e Orlando Ribeiro», Daniel Paiva e Francisco Roque de Oliveira analisam a linguagem científica mobilizada nos estudos urbanos desenvolvidos no espaço luso-brasileiro por dois notáveis geógrafos «de boa tradição vidaliana» (p. 136). Considerando os principais trabalhos de geografia urbana de Azevedo e de Ribeiro, o ensaio analisa as convergências entre os geógrafos na mobilização de metáforas orgânicas – linguagem emprestada pela abordagem metabólica da Escola Ecológica de

Chicago – para a construção de conhecimento sobre as cidades. Este ensaio abre ainda uma linha de discussão interessante no âmbito da evolução do pensamento geográfico, designadamente em procurar interpretar se, através desta linguagem orgânica, estes dois geógrafos não se estariam a posicionar num estádio de transição entre uma geografia urbana essencialmente descritiva e outra com ambições mais explicativas.

O terceiro destaque nesta secção vai para o texto de João Luís Fernandes, que reflete sobre a relevância da obra *O Mito da Desterritorialização* do geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert (HAESBAERT, 2004) – e, em particular, dos conceitos de «desterritorialização» e de «reterritorialização» – na produção científica da «Escola Geográfica de Coimbra» (FERNANDES, 2008; REBELO, 2004). Neste ensaio, onde se listam mais de cinco dezenas de trabalhos académicos com diferentes níveis de profundidade teórico-metodológica e empírica, Fernandes evoca a centralidade da obra de Haesbaert nos trabalhos de investigação e nas unidades curriculares dos diferentes ciclos de estudos em Geografia da Universidade de Coimbra para compreender «as assimetrias e as desigualdades numa globalização contraditória» (p. 187). Este ensaio invoca a importância de se discutir, no espaço luso-brasileiro, a relevância de alguns autores e conceitos de referência, necessários à compreensão de determinados processos estruturais, e de que forma os mesmos são mobilizados e se manifestam na produção científica e institucional de diferentes escolas geográficas.

Acresce a este conjunto de três ensaios uma notável e profunda reflexão epistemológica e empírica assinada por Thiago Machado, André Carmo e Jorge Malheiros sobre a influência da obra do brasileiro Milton Santos no diálogo entre o Brasil e Portugal. Este ensaio complementa e, em alguns momentos, aprofunda a análise realizada por Daniel Paiva, Jonathan Ribeiro Lopes e Francisco Roque de Oliveira sobre a evolução (limitada) do diálogo luso-brasileiro, entre 1970 e 1990. O contributo de Machado, Carmo e Malheiros projeta-se numa escala temporal mais alargada e permite concluir que, nos anos 1990, o diálogo entre as geografias brasileira e portuguesa se intensificou, não só pela «participação conjunta em congressos e colóquios científicos» (p. 152), mas, também, pela presença de autores brasileiros no número de citações referenciadas na *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, publicação periódica integrada na «Escola Geográfica de Lisboa». Os autores revelam que a obra de Milton Santos foi uma das protagonistas da intensificação do diálogo luso-brasileiro, destacando-se, num primeiro momento, a obra *O Espaço Dividido* (SANTOS, 1979), e, mais recentemente, as obras seminais acerca do processo de globalização, incluindo *Território: Globalização e Fragmentação* (SANTOS; SOUZA; SILVEIRA, 1994) e *Por uma outra globalização* (SANTOS, 2000). Assim, este ensaio contribui para aprofundar a leitura sobre o modo como a obra de um geógrafo brasileiro, que transitou entre diferentes paradigmas epistemológicos, colaborou para a minimização das lacunas no diálogo geográfico luso-brasileiro verificadas entre os anos 1970 e 1990, assim como sobre a forma como esta mesma obra se tornou central para o pensamento geográfico português (SANTOS; CRAVIDÃO, 2015).

Os contributos da terceira secção de *Saberes geográficos e Geografia institucional: relações luso-brasileiras no século XX*, intitulada «Temas gerais, caminhos singulares», foram os que desapontaram. Qualquer um dos cinco ensaios, apesar de contribuir para o aprofundamento dos saberes geográficos nacionais de Portugal e do Brasil, refletindo sobre a consolidação do respetivo pensamento geográfico e dos seus conceitos-chave, peca por não abordar

especificamente as relações com o espaço luso-brasileiro. Nesta secção, Ricardo Coscurão começa por nos apresentar o contributo biobibliográfico de Manuel Ferreira-Deusdado para o ensino e educação da ciência geográfica em Portugal no final do século XIX, destacando os seus trabalhos sobre o conhecimento do território, concebidos num contexto colonial e de construção da ideia de nacionalidade. Apesar de apontar que uma das revistas criadas por Ferreira-Deusdado – a *Revista de Educação e Ensino* (1886) – foi dedicada «ao professorado, lavradores e criadores de gado de Portugal e Brasil» (p. 239), o autor acaba por não explorar o modo como esta publicação periódica pode ter contribuído para o aprofundamento das relações geográficas luso-brasileiras, como fizeram outros contributos reunidos neste livro.

João Sarmento, através da realização de entrevistas a três geógrafas que iniciaram as suas carreiras na antiga colónia portuguesa de Moçambique, reconstrói magistralmente a génese, a consolidação e o declínio da «Geografia tropical» portuguesa, pronunciando-se ainda sobre a evolução dos cursos superiores na então designada «África portuguesa». Apesar de constituir um notável contributo para a Geografia portuguesa, com um foco nos estudos realizados em África entre os anos 1960 e 1990, este ensaio ignora as relações luso-brasileiras que se estabeleceram paralelamente no contexto dos estudos «luso-tropicalistas» e que, assim, carecem de maior discussão (ALCOFORADO, 2017; CASTELO, 2011; OLIVEIRA, 2017a).

Por sua vez, Ana Cristina Silva contribui para o aprofundamento da discussão em torno das abordagens teórico-conceptuais privilegiadas pelo «movimento de renovação» da Geografia brasileira. Para tal, quantificou a emergência de investigações sobre «território» em contraponto à supremacia que o «espaço» ocupa(va) no pensamento geográfico brasileiro. Como se conclui neste ensaio, apesar desta tendência se ter esbatido entre 1980 e 2010, a verdade é que as temáticas sobre o «espaço» ainda predominam na produção brasileira. Apesar de se tratar de um ensaio exploratório que estimula a discussão em torno da relevância do «movimento de renovação» na geografia brasileira, a relação luso-brasileira encontra-se também ausente da análise.

Também os contributos de Nelba Azevedo Penna e de Fronika de Wit acompanham a tendência dos três ensaios anteriores. Embora mobilizem conceitos transversais a diferentes disciplinas integradas nas Ciências Sociais – como «vulnerabilidades socioespaciais» e «governança multinível» – o debate circunscreve-se, no primeiro caso, às formas e aos conteúdos da urbanização das favelas na cidade de Brasília e, no segundo caso, ao território da Amazónia brasileira. Assim, este conjunto de cinco ensaios, além de revelar níveis de profundidade e robustez científica bastante diferenciados entre si, tende a contribuir essencialmente para os necessários debates sobre os saberes teóricos-conceptuais e epistemológicos associados a cada uma das escolas de Geografia, a portuguesa e a brasileira.

Apesar de se denotar algum desequilíbrio nas abordagens teórico-metodológicas apresentadas – resultado que pode decorrer da meritória opção dos organizadores desta edição em integrarem contributos de jovens geógrafos e académicos que publicam, neste volume, os seus primeiros trabalhos, e que reconheço aqui –, a maioria dos ensaios constituem pontos de partida para aprofundar a reflexão e o debate em torno das relações geográficas e institucionais no espaço luso-brasileiro. Deste modo, o balanço global deste livro – provavelmente a primeira referência de leitura integrada sobre as relações geográficas luso-brasileiras no século XX – é, sobretudo, exploratório. Esta obra constitui um passo importante para aprofundar, nestas e em

outras abordagens, a interação institucional e dos saberes geográficos entre Portugal e o Brasil. Mais especificamente, alguns dos ensaios encerram com questões que convocam os leitores a refletir sobre o que leram e, em particular, a iniciar novas pesquisas a partir das limitações dos vários ensaios. Fazendo isso, os organizadores e os autores constroem pontes para o aprofundamento do diálogo institucional nas abordagens geográficas no espaço luso-brasileiro.

Assim, e por exemplo, dois dos ensaios – ao abordarem a evolução da produção científica sobre o Brasil ou a influência de autores brasileiros no pensamento geográfico português – apontam a necessidade de se discutirem mais aprofundadamente os fatores que contribuíram para a evolução do diálogo geográfico luso-brasileiro ao longo do século XX, ao mesmo tempo que aventam a necessidade de prolongar o estudo dessas relações para o início do novo século. Outra nota conclusiva deste livro resulta dos ensaios apresentados tenderem a valorizar uma análise sobre a (in)visibilidade de publicações relacionadas com o Brasil ou de autoria brasileira em revistas portuguesas ou – na generalidade dos ensaios – sobre a influência dos autores e das obras brasileiras na Geografia portuguesa. Porém, permanece por medir a presença de publicações sobre temáticas portuguesas ou de autores portugueses na produção geográfica brasileira, limitação igualmente apontada por um dos ensaios desta edição. Em terceiro lugar, e recuperando o contributo plasmado pela geógrafa Suzanne Daveau na primeira parte deste volume, o surgimento das relações institucionais luso-brasileiras é atribuído à importância dos geógrafos franceses e dos estudos «luso-tropicalistas», abordagem ausente neste livro e que se encontra por explorar. Por fim, como ficou claro pela leitura de alguns dos ensaios, existe ainda uma margem para explorar o contributo de vários autores portugueses e brasileiros na consolidação das relações luso-brasileiras, como Jaime Cortesão e a sua vasta obra historio-geográfica dedicada ao Brasil (OLIVEIRA, 2014, 2017b) ou Ilídio do Amaral e os seus estudos sobre as regiões tropicais (ALCOFORADO, 2017; AMARAL, 1979; OLIVEIRA, 2017a), e no desenho de ruturas e de continuidades na epistemologia geográfica luso-brasileira – como sugerem os referidos «desvios» de Orlando Ribeiro e Aroldo de Azevedo relativamente à matriz teórico-metodológica vidaliana.

Submetido em 21 de fevereiro de 2020.

Aceito para publicação em 14 de abril de 2020.

Referências

- ALCOFORADO, M. J. Ilídio do Amaral (1924-2017): fundador, colaborador e amigo da Finisterra. **Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia**, v.52, n.105, 165-173, 2017.
- AMARAL, I. A “**escola geográfica de Lisboa**” e a sua **contribuição para o conhecimento geográfico das regiões tropicais**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1979.
- AMARAL, I. Centro de Estudos Geográficos (1943-1973). **Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia**, v.8, n.16, 310-315, 1973.
- BADIE, B. **O fim dos territórios: ensaio sobre a desordem internacional e sobre a utilidade social do respeito**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- CASTELO, C. O modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961). In: **O mundo continuará a girar. Prémio Victor de Sá de História Contemporânea, 20 anos (1992-2011)**. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», 2011, p. 111-116.
- DAVEAU, S. **Geografia e geógrafos – O ambiente geográfico natural**. Lisboa: Associação Portuguesa de Geógrafos, 2019.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.
- FERNANDES, J. L. J. A desterritorialização enquanto risco antrópico. Análise a propósito da representação da insegurança nos filmes *Still Life* (2006) e *Home* (2008). In: **Riscos naturais, antrópicos e mistos. Homenagem ao Professor Doutor Fernando Rebelo**. Coimbra: Departamento de Geografia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008, p. 631-651.
- FERREIRA, A. B. Suzanne Daveau: cinquenta anos de actividade científica e académica. **Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia**, v.32, n.63, p. 47-53, 1997.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HEFFERMAN, M. *Histories of Geography. Key Concepts in Geography*. Londres: Sage, 2009, p. 3-17.
- MACHADO, M. S.; PINTO, H. C.; ALVES, C. G. Originalidade e atualidade da Geografia de Pedro Geiger. In: **Dicionário dos Geógrafos Brasileiros. Vol. I**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p. 187-203.
- OLIVEIRA, F. R. Ilídio do Amaral (1926-2017): uma vasta obra dedicada à Geografia das regiões tropicais. **Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia**, v.52, n.106, p. 149-158, 2017a.
- OLIVEIRA, F. R. A «Ilha Brasil» de Jaime Cortesão: ideias geográficas e expressão cartográfica de um conceito geopolítico. **Biblio3W: Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, v.22, n.1.191, 2017b.

- OLIVEIRA, F. R. Jaime Cortesão no Itamaraty: os Cursos de História da Cartografia e da Formação Territorial do Brasil de 1944-1950. **Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales**, v.28, n.463, 2014.
- OLIVEIRA, F. R.; PAIVA, D. **Saberes geográficos e Geografia institucional: relações luso-brasileiras no século XX**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2019.
- REBELO, F. O desabamento de 23 de Abril de 2003 na área da Fajã dos Cúberes (São Jorge) – breve notícia. **Territorium, Revista de Geografia Física Aplicada no Ordenamento do Território e Gestão de Riscos Naturais**, v.11, n.4, p. 68-71, 2004.
- SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.
- SANTOS, M.; SOUZA, M.; SILVEIRA, M. L. **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: HUCITEC-ANPUR, 1994.
- SANTOS, N.; CRAVIDÃO, F. O pensamento de Milton Santos e a geografia brasileira: Seminário Internacional. **O pensamento de Milton Santos e a Geografia brasileira**. Natal: EDUFRN, 2015, p. 11-33.
- TOFFLER, A. **Future shock**. Londres: Pan, 1970.